



A LÍNGUA DA GENTE EM PRÁTICA

Maria Nilza Rodrigues dos Santos¹

¹Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri/LEC /nilzarpm@gmail.com

Resumo: O trabalho apresenta reflexões sobre como deve ser uma aula de gramática(s) do português no contexto do campo e sobre o que é ser professor de Linguagens e Códigos no contexto da Educação do Campo. Além disso, apresenta uma proposta prática de análise linguística voltada para alunos do 3º ano do Ensino Médio. Também apresenta um percurso formativo de um professor da educação do campo e breve análise da atividade que será apresentada.

Palavras-chave: Educação, Gramática, Prática e Linguagens.

1. Introdução:

Este texto aborda inicialmente uma reflexão sobre tal trajetória de formação em Licenciatura em Educação do Campo (LEC) pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Traz, também, breves reflexões sobre práticas educativas relacionadas à disciplina de Português em escola pública e do campo. Trata-se da Escola Estadual Norberto de Almeida Rocha, sendo que a sala de aula escolhida foi uma turma dos últimos anos do Ensino médio. Por fim, apresenta uma proposta prática de análise linguística; onde será possível perceber uma adequação da atividade ao contexto do aluno. Na primeira seção deste trabalho será exposta uma reflexão sobre determinado percurso formativo em Educação do Campo LEC-UFVJM. Em seguida será apresentada uma proposta pedagógica e uma reflexão a respeito dessa proposta audaciosa e possível de se trabalhar em sala de aula.

2. Reflexão

A minha trajetória formativa na LEC-UFVJM me possibilitou perceber o quanto minha própria comunidade me favorece reconhecer a minha identidade. Pois, aprendi a conhecer a comunidade não a partir de uma visão geral mas, sim de um olhar aprofundado para seus aspectos relativos a história e culturas. Com isso, pude perceber o quanto esses aspectos estão também presentes no meu histórico de vida como, por exemplo, a religiosidade e as festas juninas que marcam a minha vida desde a infância com os coloridos e diversões da época do São João.

Enquanto discente, aprender a reconhecer e valorizar as minhas origens, me





possibilitou ultrapassar os limites voltados para a certificação profissional apenas. Isso, foi algo que também me serviu para o meu desenvolvimento humano já que me tornou uma pessoa mais ligada afetivamente com minha comunidade, minhas origens e lutas do povo camponês e demais aspectos que posso julgar importante numa formação educacional de um professor do campo.

Entende-se que um educador não pode restringir-se à sala de aula é preciso interação com a comunidade e antes do meu ingresso na LEC, minhas expectativas em relação a um curso superior eram diferentes o bastante para me fazer acreditar que era apenas uma formação para o mercado de trabalho, e ser professor era apenas um profissional que estava sujeito a passar o conhecimento como se ele tivesse todas as respostas.

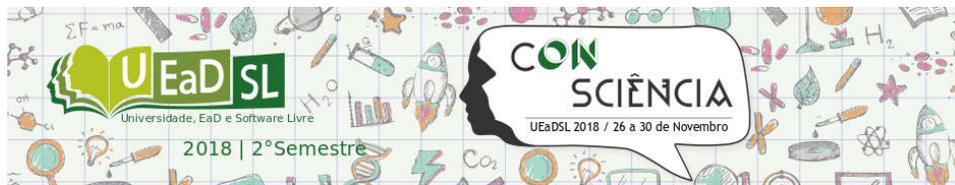
Por exemplo, na área de Linguagens e Códigos, a visão de que o professor de português deveria saber dar as respostas prontas sobre gramática, depois de ter passado pelos semestres anteriores, é notável para mim que essa linha de raciocínio seja equivocada já que um professor deve ser um pesquisador e formar pesquisadores como podemos interpretar na observação de António Nóvoa:

A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formado. O diálogo entre os professores é fundamental para consolidar saberes emergentes da prática profissional. Mas a criação de redes coletivas de trabalho constitui, também, um factor decisivo de socialização profissional e de afirmação de valores próprios da profissão docente. O desenvolvimento de uma nova cultura profissional dos professores passa pela produção de saberes e de valores que deem corpo a um exercício autónomo da profissão docente. (1992, p. 26)

Dessa forma, percebe-se a importância do professor ser formador e formado, assim, compete ao professor desempenhar-se em uma busca para saber sobre a realidade de seus alunos e também para promover uma troca de saberes. O professor deve instigar seus alunos a ir à busca de suas respostas, questionar e estar prontos para responder quando forem questionados, pois o professor é um mediador do conhecimento, embora, também precise transmitir algum saber, mas não um saber como verdade absoluta, mas, sim um saber que está sujeito também ao ponto de vista da arbitrariedade.

Quando um professor coloca essa proposta a um aluno em ser também pesquisador





ele provoca novas descobertas e, o estudante pode inclusive ter mudanças significativas em sua vida, por exemplo, colocar o aluno para ter um olhar pesquisador sobre o uso da língua na sua comunidade, certamente, o aluno terá uma nova visão com menos preconceitos linguísticos.

Como sabemos, o aluno passa anos de sua vida aprendendo ou talvez tentando apreender uma gramática que no dia a dia não se usa. Por trás desse papel de ensinar na escola a língua padrão está presente na verdade o “preconceito linguístico” e, de certa forma, uma violência cultural como podemos observar no trecho de Marcos Bagno: “Assim, o problema não está naquilo que se fala, mas em quem fala o quê. Neste caso, o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social. Este tipo específico de preconceito é o que abordei em meu *A língua de Eulália*”. (BAGNO, 1999, p. 40).

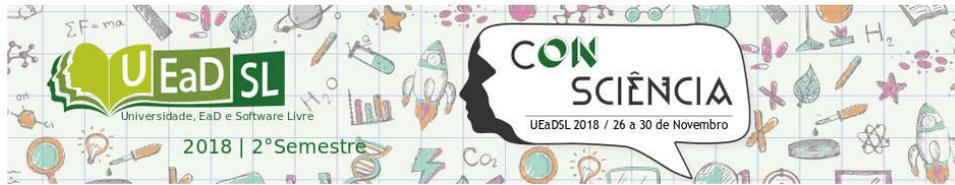
Essa realidade também mostra a falta de valorização da cultura do outro, ou seja, é também uma questão de etnocentrismo colocar um costume de vida ou modo de falar de uma classe social para serem seguidos por outra e deixar de fora aspectos linguísticos da cultura das classes menores. Como sabemos, é grande a importância que se é dada ao ensino de português nas escolas como, por exemplo, uma aula em que o professor ensina seus alunos a falarem utilizando “ao” invés de “no” e mesmo assim, muito provavelmente algum de seus alunos irá dizer: “Com licença professor para mim ir *no* banheiro”.

Nota-se que mesmo o aluno não utilizando das regras que o professor ensinou irá haver uma comunicação onde o professor conseguirá entender o que o aluno quis dizer. De fato, para haver essa competência comunicativa foi preciso saber bem mais do que as normas para a construção de frases como podemos observar o trecho seguinte:

O que queremos é que fique claro que o usuário da língua precisa saber (e sabe) muito mais do que apenas as regras de construção de frases para ter uma competência comunicativa e que faz parte da gramática da língua muito mais do que aquilo de que faz parte da gramática da língua muito mais do que aquilo de que a teoria linguística trata ao estudar os elementos da fonologia e fonética da morfologia e da sintaxe. (TRAVAGLIA, 2009.p. 30).

Entretanto, é necessário que o professor perceba o que é realmente interessante que os alunos estudem nas aulas de português; conciliando gramática normativa e variedades linguísticas. No entanto, essa mudança no ensino é um desafio. Pois a





chamada língua padrão não é considerada por muitos professores como algo excludente que tenta excluir aspectos linguísticos da cultura de classes menores. Entretanto, tratando-se do ensino de Língua Portuguesa o ideal é que se ensine uma variedade e não só a língua padrão.

Outra questão importante para o ensino de língua materna é a maneira como o professor concebe a linguagem e a língua, pois o modo como se concebe a natureza fundamental da língua altera em muito o como se estrutura o trabalho com a língua em termos de ensino. A concepção de linguagem é tão importante quanto a postura que se tem relativamente a educação. (TRAVAGLIA, 2009, p. 21).

Visto isso, nota-se que é necessário que o professor tenha uma compreensão favorável em relação à linguagem e a língua, isto é, que ele tenha uma concepção livre de preconceitos linguísticos, estereótipos, preconceito cultural etc. Pois, assim, será bem mais possível um ensino voltado para o contexto de vida do educando já que educador estará ensinando norma culta sem ele ter qualquer forma de preconceito linguístico e cultural. Conforme Travaglia, devemos ter tal entendimento sobre língua e, essa concepção deve estar voltada para a compreensão do favorecimento da língua aos seus usuários, ou seja, que entendamos sua abrangência de utilidades para a vida do ser humano, sendo assim, ele deixa entender sobre qual concepção de linguagem devemos ter, dessa forma, remete a linguagem como expressão do pensamento; a linguagem como instrumento de comunicação, como meio objetivo para a comunicação e a linguagem como forma ou processo de interação.

Sendo assim, é notório que o professor tenha esse tipo de postura para ensinar a língua materna da mesma forma que também é necessário que o educador esteja convicto do bem que faz a Educação a uma nação que preza por ela.

3. Da reflexão à proposta prática:

Essa proposta de prática pedagógica a seguir foi pensada para alunos de escola pública e do campo, porém, a mesma pode ser aplicada em outras realidades do público escolar. Com intenção de promover um aprimoramento da competência de redação do ENEM; essa proposta é especialmente para alunos do último ano do ensino médio, sendo assim, foi escolhida para a aplicação uma turma na Escola Estadual Norberto de Almeida Rocha, localizada em Rio Pardo de Minas-MG. Essa





proposta, está sendo apresentada aqui para promover a reflexões, entre elas, a reflexão sobre a condição de produção textual já que é algo fundamental para a uma produção de texto; sendo assim, considere o trecho a seguir:

Na produção de textos, os alunos orientados pelo professor, realizam o seu planejamento, de acordo com as condições de produção dadas, procedem à escolha das unidades e estruturas linguísticas, com intuito de perceber seu funcionamento e, assim, serem capazes de construir seus textos de forma adequada às situações comunicativas. Na reescrita, os alunos são orientados a observarem a adequação das escolhas realizadas em seus próprios textos, buscando alcançar a adequação não atingida. (BEZERRA, 2013. p.38).

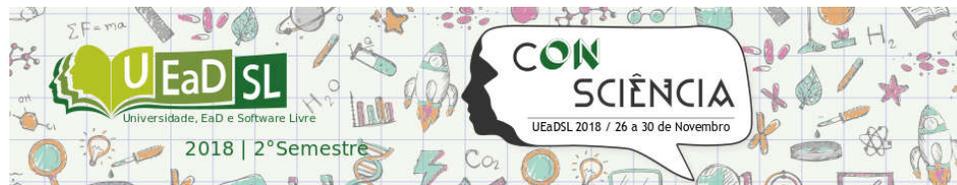
Observa-se que a proposta a seguir atende a epilinguística e metalinguística, ou seja, em relação a epilinguística o exercício de reflexão sobre o texto lido/escrito e na metalinguística audácia de falar sobre a linguagem e fazer a análise do texto.

Sendo assim, a proposta da prática de análise linguística a seguir é voltada para alunos do 3º ano do Ensino Médio. Considera-se que a atividade proposta tem o tempo estimado de 04 aulas de 50 minutos. Trata-se do Gênero: Redação; atendendo assim, alguma demanda das aulas da disciplina de Língua Portuguesa. A turma é composta por adolescentes por volta de 16 e 17 anos. O tema da redação será a Divulgação de Fake News e Seus Impactos. Com isso, o objetivo é que os alunos consigam desenvolver uma redação de acordo com a proposta do Exame Nacional do Ensino Médio-Enem. Assim, os recursos a serem utilizados são lousa, xérox, giz e manual de redação do Enem/2017.

Os alunos devem ter acesso a vários textos que abordam o tema da redação, essa prévia ajuda o aluno a interagir melhor com o tema, além de ser um meio para promover com eles um debate a respeito dos textos. (Distribuir para toda a turma uma folha com o xérox do texto).

Sendo assim, os alunos devem realizar em seguida uma redação com o referido tema acima, porém, ainda sem o conhecimento do manual de redação do Enem 2017. Numa segunda abordagem os alunos realizam uma reescrita da redação acompanhando as normas do manual de redação do Enem 2017, eles devem seguir as competências exigidas no manual. Assim, os alunos terão como, exemplo, uma redação nota mil. Na terceira etapa da atividade será feita comparações das redações de alguns alunos de maneira que os mesmos não serão expostos garantindo o anonimato do aluno. Essa última parte da atividade deve ser feita em grupo.





No que se diz respeito à avaliação sugere-se considerar a participação e desempenho dos alunos entendendo que estes serão avaliados processualmente ao decorrer das atividades. A atividade aqui sugerida também foi aplicada pela autora deste texto em estágio de regência; as conclusões sobre epilinguística e metalinguística retiradas a partir dessa aplicação foram de que na epilinguística analisar os textos e debater possibilitou que a turma pudesse refletir um pouco antes de elaborar a redação; isso, favoreceu uma boa condição de produção textual e na metalinguística, olhar para o texto e comparar, refletir e falar ajudou-os a ter melhor entendimento sobre as exigências numa redação de nível como o ENEM.

4. Conclusão

Por fim, posso dizer que os objetivos foram alcançados e que é perceptível que se pode fazer uma aula dinâmica, interativa e rica de aprendizados mesmo numa realidade onde muitas vezes nos faltam tantos recursos. A experiência de realizar este trabalho me rendeu mais conhecimento especialmente sobre a Educação e contextos educacionais; percebo que existe um cenário complexo a ser enfrentado já que há certo embate entre a “exatidão” da gramática da língua portuguesa e os desvios da mesma língua ao ser usada diariamente pelos seus falantes nativos, no entanto, considero desafiante como educadora colocar o aluno como sujeito pesquisador onde ele perceba a língua como variável e não como absoluta; padrão sem valorizar suas variações linguísticas regionais marcadas pela beleza da diversidade cultural de nosso Brasil.

Referências

BEZERRA, M. A; REINALDO, M. A. **Análise linguística**: afinal, a que se refere? São Paulo: Cortez, 2013.p. 33-52.

MINISTÉRIO, da Educação. **Manual de redação do Enem, 2017**. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2017/manual_de_redacao_do_enem_2017.pdf>. Acesso em: 28/07/2018.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. Em: A. Nóvoa. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.p.13-33.

TRAVAGLIA, L. Carlos. **Gramática e interação**: proposta para o ensino de gramática. 14.Ed. São Paulo: Cortez, 2009. p.21.

